

REFLEXÕES SOBRE O USO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA ESCRITA ACADÊMICA

DOI:10.47677/gluks.v25i02.539

Recebido: 12/06/25

Aprovado: 29/08/25

ROCHA, Giovanna Leles¹
PIRES, Thiago Blanch²

RESUMO: Com o avanço no uso de ferramentas de Inteligência Artificial no meio acadêmico, torna-se cada vez mais necessária a discussão acerca da ética na utilização de tais tecnologias, considerando as mudanças ocasionadas por elas. Este artigo faz um compilado dos principais impactos da Inteligência Artificial na escrita acadêmica, ponderando prós e contras dessas tecnologias. Para a condução dessa pesquisa, foi usada a metodologia dialética: o trabalho apresenta ambas as perspectivas por meio do diálogo e da comparação de argumentos a partir de uma revisão de literatura na interface das Humanidades Digitais e da Linguística Aplicada. O resultado é uma síntese que propõe uma ponte entre os benefícios e desafios no uso da Inteligência Artificial no ambiente universitário. Por fim, este estudo aponta possíveis caminhos para lidarmos com esse cenário nos próximos anos.

PALAVRAS-CHAVE: Inteligência Artificial, Escrita Acadêmica, Educação Superior

Introdução

A Inteligência Artificial (IA) tem se mostrado relevante para muitas tarefas intelectuais e está presente na realidade acadêmica em cada vez mais tarefas, como produção e revisão textual e, igualmente, em demandas de tradução, inclusive no papel de assistentes de escrita. Nesse quesito, destaque para o progressivamente popular *ChatGPT*, um dos principais *chatbots* do mercado, que são “sistemas de conversação por computador que interagem com usuários humanos por meio de uma linguagem conversacional natural” (Aquino; Adaniya, 2018, p.57).

É nesse momento que o estudante se depara com um ambiente acadêmico ainda em uma fase de compreensão e adaptação ao amplo uso desses recursos nas disciplinas de escrita. Isso abre espaço para um processo de graduação que pode ser confuso para os alunos que iniciam esse importante período da jornada acadêmica. Assim, o presente trabalho tem como

¹ Graduada em Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação (LEA-MSI) pela Universidade de Brasília (UnB). E-mail: giovannaleles.rocha@gmail.com.

² Doutor em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação pela UnB. Professor Adjunto do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET/IL) e do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da UnB. E-mail: pirestb@unb.br.

objetivo explorar os benefícios e implicações do uso de IA na escrita acadêmica, permitindo uma reflexão a partir de uma revisão teórica, na interface entre a Linguística Aplicada e as Humanidades Digitais.

A Inteligência Artificial como aliada da escrita acadêmica

O avanço das ferramentas de Inteligência Artificial, em suas múltiplas formas, tem provocado transformações nos modos de trabalho, estudo e produção de conhecimento. No meio acadêmico, tais recursos impactam tanto o corpo discente quanto o docente, influenciando a elaboração de materiais e pesquisas em diferentes níveis, da graduação à pós-graduação *stricto sensu*. Apesar da análise do uso das IAs ser diferente nesses níveis, uma vez que o aproveitamento consciente delas depende, intrinsecamente, da maturidade do estudante em seus objetos de pesquisa, há uma grande quantidade de benefícios oferecidos pelas tecnologias na produção de textos, em nível universitário, mudando a experiência acadêmica dos estudantes ao iniciar a graduação.

Apesar de parecer um assunto recente, a discussão que comenta as mudanças positivas causadas pelo uso da Inteligência Artificial no meio acadêmico não é de agora, e podemos até dizer que está apenas no começo. Há alguns anos, diversos autores da área começaram a afirmar que a tecnologia tem criado e transformado nossas maneiras de ensinar. Em 2009, o Projeto Nacional de Letramentos, sob o direcionamento do Projeto Nacional de Formação de Professores: Novos Letramentos, Multiletramentos e o Ensino de Língua Inglesa, começou uma movimentação para formação de professores considerando o atual contexto da educação nacional e “reconhecendo sua força/adequação para a promoção de uma nova educação nas escolas e universidades brasileiras” (Monte Mor, 2013, p. 7, tradução nossa³). Em suas esferas, a educação internacional e nacional já reconhece as mudanças causadas pela presença do digital no processo de formação dos estudantes, que não pode ser ignorada, principalmente pelas vantagens que ferramentas e recursos tecnológicos têm oferecido aos alunos, do ensino fundamental à graduação.

Um desses benefícios é o *feedback* instantâneo oferecido pelas ferramentas, que ajudam os estudantes a identificar erros e pontos de melhoria enquanto produzem seus textos. Essa é uma linha de defesa do uso das IAs na escrita acadêmica, segundo a qual “com o

³ Do original: *recognizing their strength/adequacy for the promotion of a new education in Brazilian schools and universities*. (Monte Mor, 2013, p. 7).

feedback recebido com o intermédio da Inteligência Artificial, estudantes releem e melhoram sua escrita e prática para se tornarem aprendizes independentes” (Cotos *apud* Kaharuddin, 2021, p.290, tradução nossa⁴).

É notável que tal facilidade oferecida pelas IAs no apontamento de melhorias em textos acadêmicos não anula a importância do feedback oferecido pelos professores, que se constituem como sujeitos que auxiliam no desenvolvimento de uma escrita acadêmica de excelência; no entanto, a tecnologia potencializa os resultados e garante uma facilidade de comunicação que antes não era possível, e a experiência que tivemos com a pandemia de COVID-19 é um bom exemplo disso. No período em que o isolamento social era a medida mais eficaz para conter a emergência de saúde mundial, um dos desafios foi dar continuidade ao currículo universitário em instituições por todo o Brasil; nesse contexto, alguns alunos e professores precisaram estudar virtualmente, “utilizando a tecnologia como mediador na aprendizagem” (Kaharuddin, 2021, p. 292, tradução nossa⁵).

Entretanto, para ir mais a fundo nos benefícios oferecidos por essas ferramentas, é preciso desmistificar a ideia de que essas tecnologias, desenvolvidas com base em Modelos de Linguagem de Larga Escala, ou LLMs, se apresentam como recursos que trabalham prontos, apenas copiados dos *chatbots* e entregues aos professores. Contar com a IA no auxílio de demandas textuais universitárias não significa necessariamente uma interpretação radical desse suporte, ou seja, ter a máquina fazendo trabalhos pelos alunos (Castro; Kalantzis; Cope, 2024, p. 51).

Os LLMs são algoritmos de aprendizado profundo capazes de executar tarefas de Processamento de Língua Natural (PLN). Eles são treinados com corpora volumosos e de alta qualidade (coletâneas de textos disponíveis em formato eletrônico), o que resulta em ferramentas como *chatbots*, assistentes de IA e muitas outras aplicações. Esses recursos oferecem apoio ao estudante, possibilitando acesso facilitado a materiais e auxiliando na formulação de conclusões que podem ser transformadas em textos acadêmicos compatíveis com as exigências da universidade e de revistas científicas.

Com essa interpretação da IA no cotidiano acadêmico como guia do debate, um termo interessante que tem sido cunhado é de “copiloto”, colocando essas tecnologias em um papel

⁴ Do original: *students get feedback from artificial intelligence, then reread and improve their writing and practice to become independent learners.* (Cotos *apud* Kaharuddin, 2021, p. 290).

⁵ Tradução própria. No original: *used electronic devices to mediate the learning-teaching proses.* (Kaharuddin, 2021, p. 292).

de assistentes de escrita dos estudantes nas mais variadas linhas de pesquisa. Esse termo já aparece em alguns estudos da área, como em reflexões que destacam a “possibilidade das tecnologias de IA serem assistentes ou mesmo copilotos de diversas tarefas do dia a dia, prometendo-nos mais tempo para atividades criativas” (Sampaio et al., 2024, p. 21).

Pensar nessa perspectiva reforça ainda mais a defesa de que tais recursos digitais não devem ser vistos como uma ameaça para o autor humano, uma vez que a Inteligência Artificial, autor não humano, não irá substituir o estudante, pesquisador ou professor na escrita acadêmica. Atuará essencialmente como um suporte, capaz de sugerir pontos de melhoria em textos diversos, indicar correções gramaticais, adaptar materiais à norma culta de escrita e, também, contribuir com a tradução de determinados artigos, potencializando os resultados desses conteúdos. Atualmente, podemos explorar tecnologias que funcionam em modelos de LLMs, como o *Quillbot* e outros copilotos em desenvolvimento, por exemplo, pela *Microsoft*, para tratar dessas funcionalidades e benefícios, em paralelo a outras mudanças na nossa forma de escrita geradas por tecnologias às quais já estamos acostumados. De acordo com Sampaio et al. (2023, p.12), “Assim como o corretor de celular teve um impacto direto na forma como escrevemos e digitamos, tais ferramentas devem afetar significativamente o nosso modo de escrever”.

Os programas de IA podem fornecer feedback construtivo a alunos e professores, enquanto também torna o “processo de aprendizagem por tentativa e erro menos assustador” (Fahimirad; Kotamjani, 2018, p. 111, tradução nossa⁶).

Ainda, a leitura e correção de trabalhos de casa, ensaios, artigos e outros modelos de avaliação, demandam uma quantidade significativa de tempo e, com a IA, isso poderia ser otimizado para o professor. Aqui, o mais importante é destacar que “esses programas de IA podem instruir os alunos apenas em matérias básicas; no entanto, essas máquinas não se aplicam a outras ações, tais como transmitir pensamento e criatividade de alto nível aos alunos” (Fahimirad; Kotamjani, 2018, p. 110, tradução nossa⁷), funcionando unicamente como suporte.

⁶ Tradução própria. No original: *trial and error process is much less intimidating to students*. (Fahimirad; Kotamjani, 2018, p. 111)

⁷ Tradução própria. No original: *These AI programs can instruct students only basics subjects; however, these machines aren't perfect to tech high-order thinking and creativity to students*. (Fahimirad; Kotamjani, 2018, p. 110)

Uso da Inteligência Artificial nas universidades brasileiras

Como tem ocorrido em outros países, os impactos das IAs generativas na escrita acadêmica têm sido acompanhados no Brasil, ainda que não tenhamos estudos suficientes nessa área principalmente devido ao caráter ainda recente das considerações que envolvem tais efeitos. A realidade é que pesquisadores, educadores e estudantes estão atentos, ainda que em diferentes níveis, a essas transformações.

Nesse cenário, começamos por considerar a influência psicológica das IAs em estudantes universitários quando o assunto é o uso dessas ferramentas na comunidade acadêmica brasileira. Alguns resultados apontados por pesquisas feitas com os próprios estudantes acerca da utilização de IAs generativas estão intrinsecamente ligados aos benefícios que elas oferecem aos trabalhos deles. Os achados consideram os textos gerados como parte de um esforço feito em conjunto. Ainda que haja vantagens no uso de tais ferramentas, há também uma certa falta de estrutura tecnológica para explorar mais benefícios.

Em pesquisa realizada na Universidade de Brasília, especificamente no curso de Pedagogia da Faculdade de Educação, foram analisadas as considerações dos alunos quanto ao uso do IA-COR a Inteligência Artificial para a Criação, Organização e Redação. 108 estudantes participaram da pesquisa respondendo perguntas sobre o uso de tecnologias afins em categorias de facilidade, domínio, auxílio, consciência e avaliação, bem como algumas subcategorias relevantes ao estudo. Um resumo dos resultados da pesquisa aponta um cenário já previsto, em que a facilidade implicada no uso da IA oferece mais confiança ao aluno, e na qual existe a tranquilidade de ter a consciência de que o trabalho seria escrito corretamente.

No entanto, um ponto de vista relevante levantado na pesquisa deixa claro outro aspecto fundamental do uso das IAs para a escrita acadêmica nas universidades brasileiras: a falta de investimento e a ausência de uma estrutura considerada completa para o uso de tais ferramentas. Um dos entrevistados destaca na pesquisa que “por ter dificuldade na escrita, gostaria de ter um software de IA-COR, pela facilidade com que o mesmo pode realizar o trabalho, auxiliando o aluno em questão a escrever um texto” (Lopes; Forgas; Cerdà-Navarro, 2023, p.129).

Isso mostra que, além de percorrer um caminho longo para entendermos melhor os impactos positivos da IA na escrita nesses ambientes, é preciso o investimento em recursos

que oferecem à comunidade discente a oportunidade de uso dessas ferramentas, potencializando trabalhos, pesquisas e trazendo resultados ainda melhores às universidades.

Ainda assim, é possível encontrar iniciativas se desenvolvendo no cenário universitário brasileiro no que concerne ao uso das IAs, e até na sua futura regulamentação no ambiente educacional do país. Alguns bons exemplos são o Centro de Inteligência Artificial (C4AI), do InovaUSP; o CEIA, da Universidade Federal do Goiás em parceria com o governo do estado e demais órgãos competentes; o Hub de Inovação em Inteligência Artificial (H2IA) da Universidade de Pelotas; o AI-Lab vinculado à Universidade de Brasília; e o AI CIn, grupo de pesquisa vinculado à Universidade Federal do Pernambuco – inclusive, pioneira no estudo da tecnologia de IA no Brasil.

Apesar desses esforços realizados no país, é preciso assumir que os avanços nos estudos e pesquisas na área, infelizmente, ainda não acompanham os avanços das próprias tecnologias vindas de fora, o que atrasa pautas como a implementação acessível dessas ferramentas à comunidade acadêmica, bem como a sua regulamentação.

Em suma, analisar os impactos positivos da IA na escrita acadêmica dentro do contexto universitário, seja ele brasileiro ou internacional, é entender que as suas vantagens já estão sendo sentidas e, independentemente da sua mensuração, tais ferramentas continuarão a ser incorporadas, em caráter urgente. Talvez o maior benefício que consigamos identificar agora, em uma perspectiva unicamente positiva, é a “utilização da IA como um porto seguro da escrita dos estudantes frente às suas inseguranças, dificuldades ou, talvez, entre outras razões, princípios éticos e morais que orientam suas condutas na produção de textos” (Lopes; Forgas; Cerdà-Navarro, 2023, p. 141). Essa é a principal e mais benéfica resposta que temos, no momento, quanto ao uso de tecnologias em auxílio na rotina de atividades na universidade.

Contudo, como qualquer outro avanço tecnológico, esta se apresenta como uma moeda de duas faces, e cabe considerar na reflexão ambos os lados para se entender o alcance todo.

A crítica sobre o uso da IA na escrita acadêmica

Debater esse tema demanda compreender, também, que as ferramentas de Inteligência Artificial, independentemente da sua utilização ou das considerações positivas acerca das tecnologias, estão entre nós e evoluindo com urgência. Inclusive, “o rápido processo de emergência da IA Generativa ainda não sofreu assimilação cultural” (Pedersen, 2023, p. 1,

tradução nossa⁸), ou seja, não foi absorvido pela nossa sociedade a ponto de se integrar à normalidade para se tornar apenas parte de nossos costumes.

A falta de reflexão acerca das possibilidades e recursos oferecidos pelas IAs nos coloca em cenários de medo e insegurança. Um exemplo para ilustrar seria fazer uma busca no *Google* utilizando a sentença a IA vai e deixar o buscador completar com os termos mais pesquisados na plataforma. A caixa de busca se apresenta da seguinte forma.

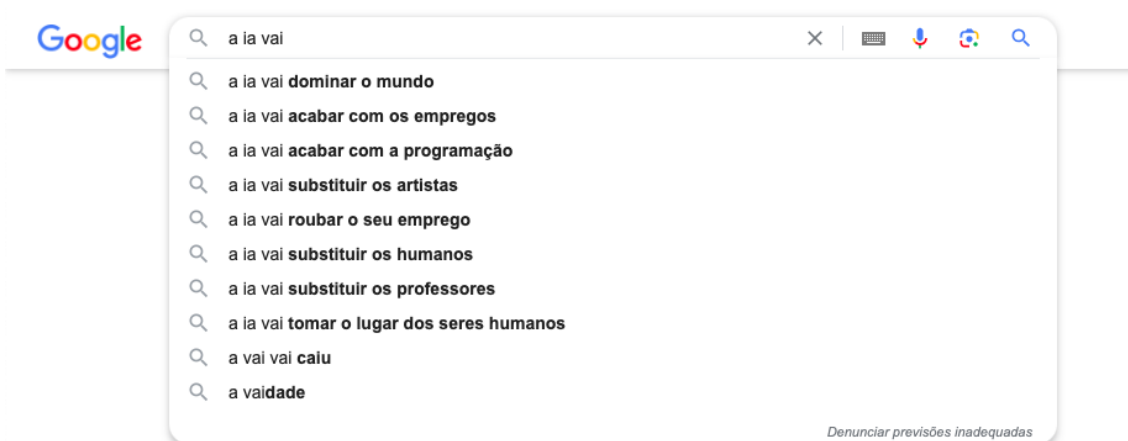


Figura 1: Resultados de preenchimento automático a partir da expressão “a IA vai” no *Google*

Fonte: Site oficial do *Google*. Acesso em 5 jan. 2024.

Justamente por esse movimento de muita descoberta e investimentos, e pouca reflexão acerca dos impactos das IAs, que temos uma dualidade nesse. O ambiente universitário, ainda que com um aumento na adoção de assistentes de escrita inteligente (52% dos universitários brasileiros usam algum tipo de tecnologia de IA⁹), apresenta uma discussão sobre o uso de *chatbots* que se inclina para um lado mais contrastante.

Apesar de ser considerada benéfica para fins diversos dentro das demandas da universidade, independentemente do grau acadêmico relacionado, uma das questões que lidera as discussões sobre o uso de Inteligência Artificial recai no quesito da autenticidade. Isso porque essas novas tecnologias aumentaram o risco de criação de trabalhos falsificados, combinadas com as dificuldades de detecção de tais publicações (Bahammam et al., 2023).

⁸ No original: *The rapid process of emergence by generative AI, which continues to evolve, has not undergone cultural assimilation.* (Pedersen, 2023, p. 1)

⁹ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/metade-dos-universitarios-brasileiros-usa-inteligencia-artificial-diz-pesquisa/>. Acesso em: 5 jun. 2024.

Tal problemática também evidencia a ausência de tecnologias de detecção de IA perfeitas e abrangentes, o que aumenta consideravelmente o risco de desenvolvimento de um ambiente que incentiva a investigação fraudulenta.

Não é preciso muita análise acerca do uso de tecnologias como o *ChatGPT* na escrita acadêmica para saber que a ferramenta pode ser usada para gerar redações que atendam a requisitos específicos, potencialmente levando os alunos a enviar trabalhos plagiados. Bahammam et al. (2023), compartilham um estudo que conclui que o *ChatGPT* representa uma ameaça significativa para o mundo, impactando a integridade das submissões de ensaios em ambientes de ensino superior.

Uma das principais questões talvez seja a forma como essas ferramentas influenciam o pensamento crítico dos estudantes, fundamental para a composição de artigos complexos na comunidade do ensino superior. Conforme Anson et al. (2023),

Especialmente em ambientes educacionais, a reciprocidade entre escrita e pensamento é essencial para o desenvolvimento intelectual e o raciocínio de ordem superior. Pedir a um sistema baseado em IA que escreva um ensaio sobre um tópico que o escritor (humano) ainda não explorou subverte significativamente o processo de pensamento e aprendizagem (Anson et al, 2023).¹⁰

Em suma, o crescente uso de ferramentas de Inteligência Artificial para ajudar com demandas de escrita acadêmica acaba impactando a produção humana, com os sistemas de PLN baseados em IA ameaçando a integridade do sistema educacional e a futura perspicácia intelectual dos alunos (Anson et al., 2023).

Considerando a facilidade com que essas ferramentas apresentam ideias, sugestões e soluções, em uma consequência conveniente e totalmente previsível, é realmente de se esperar que os alunos acabem, em algum nível, se tornando ainda mais dependentes das tecnologias – em uma escala que vai além apenas do trabalho da linguagem e do vocabulário, chegando a afetar a originalidade e a capacidade de criação de forma independente. O respaldo para essa problemática, assertivamente pontuada por Marzuki et al. (2023), ainda se baseia na necessidade de que as atividades de escrita acadêmica tenham um conhecimento denso do tema proposto, adquirido nas aulas por meio de teoria e prática textual que, aliados ao

¹⁰ No original: “*Especially in educational settings, the reciprocity of writing and thinking is essential for intellectual development and higher-order reasoning. Asking an AI-based system to write an essay on a topic that the (human) writer has not yet explored significantly subverts the thinking and learning process.*” (Anson et al., 2023)

pensamento lógico, resulta em textos autênticos e com níveis de originalidade que estão além da capacidade das ferramentas.

Marzuki et al. (2023) conduziu um estudo acerca dos impactos das ferramentas de escrita de IA no conteúdo e na organização da escrita dos alunos, pela perspectiva dos professores de *EFL*, isto é, o ensino de Inglês como Língua Estrangeira. Dentre os resultados obtidos na pesquisa qualitativa realizada, uma das respostas dadas pelos professores envolvidos enfatiza justamente essa preocupação sobre a influência das IAs no pensamento crítico dos estudantes, que as ferramentas de escrita de IA tiveram efeitos mistos nas habilidades dos alunos para gerar ideias.

No contexto acadêmico, ainda que venham sendo utilizadas de diferentes formas, as ferramentas de IA Generativa não foram concebidas, em sua proposta inicial, para atender às exigências da prática científica. Os resultados obtidos em interações com *chatbots* não levam em consideração a estrutura e os modelos de pesquisa da academia. Isso quer dizer que, independentemente da quantidade de informações e detalhamento usados para construir um prompt ideal ao solicitar uma demanda ao *chatbot*, ainda recebemos da IA, muitas vezes, textos que carecem de estrutura coesa, com informações falsas e sem total aderência à realidade. Ferramentas como o *ChatGPT* ainda “alucinam”, termo popularizado por especialistas na área para definir o que acontece quando a IA carece de referências verdadeiras na elaboração de uma resposta coesa, mas que ainda assim atende à solicitação do usuário. Logo, apesar de, na maior parte dos casos, as ferramentas de IA Generativa entregarem textos aceitáveis do ponto de vista expressivo, em muitas solicitações esses *chatbots* registram erros graves, invencionices, alucinações, elaborando respostas capazes de levar o consulente a equívocos e desinformações (Citelli, 2024).

Ainda, outra vertente da discussão sobre o uso dessas ferramentas em sala de aula destaca o processo de aprendizado e desenvolvimento de redações consideradas originais, uma vez que o argumento é que as aulas tradicionais de redação sofrem impactos fortes. Essa problemática gira em torno de uma aceleração considerada não saudável nos processos de pesquisa online que antecedem a composição dos textos, bem como a etapa de resumo desses resultados e a síntese do material escrito. É inegável que o processo de busca de informações mudou drasticamente depois da acessibilidade às ferramentas de Inteligência Artificial; se antes nossas dúvidas sobre determinado assunto estavam a algumas páginas de leitura do

Google de distância, agora elas estão a apenas uma linha de pergunta em um chat com o *Gemini*.

A questão, aqui, também precisa ser analisada sob uma perspectiva mais abrangente e realista: há poucos anos atrás, sofremos uma mudança drástica nas formas de pesquisa para textos acadêmicos variados com o advento da internet. Antes disso, os recursos disponíveis eram as bibliotecas em sua modalidade física, muitas vezes pouco acessível para o restante da comunidade e limitando-se principalmente aos integrantes da academia. Esses, que por sua vez, ainda que fosse o público de interesse, apresentava a realidade de décadas atrás, quando o acesso à leitura, reflexão e discussão destinava-se apenas aos estudiosos e aos que tinham o privilégio de ingressar esse grupo. A internet veio para democratizar a informação, reunir de forma rápida compilados de materiais por meio de catálogos online, corpora e bibliotecas virtuais. É preciso pensar agora que estamos passando por mais uma mudança na forma como acessamos e consumimos informações.

Uma ponte entre possibilidades e desafios

O acesso a estudos e pesquisas diversas nesse assunto nos mostra um padrão ainda pouco pragmático acerca da aplicação das IAs na escrita acadêmica, em que os materiais disponíveis navegam em 1) apresentar as vantagens e desvantagens, por assim dizer, das tecnologias, e 2) dados que embasam as discussões em ambas as perspectivas. Sem tais estudos, certamente ficaria impossível abrir espaço para reflexões, principalmente considerando a natureza delicada do assunto; no entanto, há algum tempo o tema permanece parado no debate e na apresentação de opiniões, e pouco se vê de, efetivamente, ações para direcionar a melhor forma de integrar essas ferramentas ao cotidiano acadêmico.

Talvez a grande questão ao explorar o uso das IAs na escrita seja as implicações éticas que envolvem os trabalhos produzidos com essas tecnologias. Existe um grande dilema quanto à originalidade dos textos feitos com o suporte desses assistentes digitais, colocando à prova vertentes como a autenticidade dos conteúdos, a capacidade de produção dos estudantes e pesquisadores, e a forma da academia de lidar com tais produções textuais. Seria então um caso de proibir o uso das ferramentas? Na verdade, não. Limitar a zero a tolerância no uso de LLMs seria um erro porque uma proibição não seria executável e encorajaria o uso não divulgado de LLMs (Hosseini et al., 2023). Se essa fosse uma alternativa cogitada pelas

escolas e universidades, certamente caminharíamos para um futuro próximo, no qual fiscalizar, quantificar, detectar e, em alguns casos, limitar o uso das IAs poderia trazer impactos negativos. Se considerarmos o fato de que os alunos continuariam a fazer uso das ferramentas escondendo a prática, chegaríamos a um momento em que não seria possível determinar o que foi feito por humano e o que foi feito por não-humano, isto é, pela máquina, em uma realidade de contenção ainda mais desafiadora.

Um caminho mais viável envolve o desenvolvimento de diretrizes com foco no uso ético e regulamentado das IAs no ambiente universitário em atividades diversas. A resposta mais razoável aos dilemas apresentados pelos LLMs ao longo desse trabalho é desenvolver políticas que promovam a transparência, a responsabilização, a atribuição justa de crédito e integridade (Hosseini et al., 2023). Seria um caminho parecido com o que foi feito há vários anos, com a internet e a grande mudança nos modelos de pesquisa. Foi preciso implementar regras sobre o uso de artigos e trabalhos na hora de publicar um estudo ou apresentar um seminário, sempre referenciando o que já foi dito por outra pessoa da área.

Vale reforçar que tais ferramentas não devem ser nomeadas como autores ou creditadas na seção de agradecimentos porque carecem de livre-arbítrio e não podem ser responsabilizados moral ou legalmente (Hosseini et al., 2023). Os computadores e ferramentas digitais, bem como os recursos de IA Generativa que agora auxiliam na produção de textos, carecem de uma compreensão de bom senso sobre o funcionamento do mundo, observável pelo ser humano na sua vida cotidiana (Engelmann, 2023). Logo, não possuem a capacidade cognitiva e mais uma série de requisitos para serem considerados autores originais de uma produção acadêmica, qualquer que seja o nível. O que suscita indagações não é somente as referências compiladas por uma conversa no *ChatGPT* para a produção de um texto, mas a grande quantidade de palavras e composições do *chatbot* que estão no material, ao contrário da escrita humana, realizada pelo estudante.

Deve-se considerar também a forma como os estudantes se sentem não somente com o uso dessas tecnologias, mas também com relação à própria escrita acadêmica. Para algumas pessoas, a escrita acadêmica é um eufemismo para uma escrita densa e abstrata, tão altamente especializada que é virtualmente impenetrável para não especialistas (Henderson *apud* Forrester et al., 2023). Não é difícil encontrar estudantes que chegam na universidade despreparados para a escrita acadêmica e, de maneira radical, são conduzidos em um caminho que ou os fazem desgostar da linguagem acadêmica, ou apenas tolerá-la pela necessidade da

diplomação. Considerando a perspectiva acerca da relação dos estudantes com a escrita acadêmica, fica evidente que, se existe a possibilidade de fazer esse trabalho ser menos moroso por intermédio de assistentes de escrita, certamente ela não será ignorada.

A ocorrência de cópias de trabalhos e de citações de autores realizadas de forma inadequada motivou a comunidade acadêmica a adotar tecnologias específicas, resultando no uso de ferramentas digitais de detecção de plágio que escaneiam e analisam milhares de trabalhos todos os semestres para verificar sua autenticidade. É possível fazer o mesmo com trabalhos produzidos com a assistência das IAs.

Em suma, ao abrir a discussão sobre a ética no uso das IAs, não é como se estivéssemos entrando em um terreno completamente desconhecido. Apesar de ser, de certa forma, diferente de outras revoluções ocorridas na educação ao longo da história, o processo de resposta é parecido, ou seja, um debate sobre os prós e contras, junto à análise do cenário atual e do uso de tais tecnologias.

E isso não vale apenas para a relação do estudante com as ferramentas. Tal situação pode ser aplicada na esfera da licenciatura, em que há professores universitários lidando com um momento ímpar na educação ao enfrentar desafios que envolvem a tecnologia e a necessidade de mudanças nas metodologias de ensino, não somente na universidade, mas também nas instituições de ensino fundamental e médio. É preciso que estejamos atentos a essa nova dinâmica da alfabetização e do letramento, ou, preferencialmente, os multiletramentos, cuja abordagem se torna cada vez mais relevante e desafiadora (Castro et al., 2024).

A discussão relacionada a esses aspectos se renova constantemente, evidenciando um cenário de debate sobre o que pode ou não ocorrer com a integração ou proibição do uso das IAs no ambiente acadêmico, mas sem que medidas efetivas sejam aplicadas. Enquanto isso, notadamente, estudantes continuam usando tais ferramentas para a produção dos seus artigos, principalmente alunos que, ao finalizar o ensino médio, já possuem uma familiaridade com essas tecnologias. Consequentemente, ao entrar na fase universitária, levam consigo o hábito de fazer uso de assistentes de escrita em suas produções textuais, sem uma regulação ou políticas de uso de tais recursos nas disciplinas de um curso de graduação. Nesse caso, os alunos se veem livres para determinar o que é considerado ético, ou não, no uso dessas tecnologias, o que, já a médio prazo, é muito perigoso.

Fica evidente para começarmos a visualizar ações reais a necessidade de um comitê de ética para tratar dos aspectos que envolvem o uso das IAs nas universidades. Estamos falando de um departamento completo e funcional, que não necessariamente precisa ser diferente para cada curso ou secretaria, sendo fundamental que tal espaço atue na regulação, fiscalização e em práticas que garantam um uso ético e igualitário de ferramentas de Inteligência Artificial no meio acadêmico. Muitas universidades já estão cientes da necessidade de departamentos com essas funções em um momento como este, mas o investimento ainda caminha a passos bem lentos, em contraste com o cenário de desenvolvimento e aprimoramento dessas tecnologias.

É importante destacar que apesar de estarmos falando sobre a regulação do uso de tecnologias no ambiente acadêmico, o uso das próprias tecnologias nesse processo não pode ser ignorado. Na verdade, da mesma forma como *chatbots* podem ajudar os alunos com a escrita e outras ferramentas podem ajudar os professores com correções, detecção de plágio e feedbacks, a tecnologia é uma grande aliada na delimitação de políticas de uso de IA. Assim, acolhemos o uso de metadados como uma ferramenta relevante para auxiliar nesse contexto, pois eles podem contribuir para a análise e categorização de artigos que empregam Inteligência Artificial em sua produção. Essa ideia é apresentada, defendida e exemplificada por Conde et al. (2024) em seu estudo sobre a inclusão de metadados específicos para a análise de conteúdos produzidos com IAs.

Os metadados incluem informações sobre o próprio modelo de IA, mas também sobre os valores dos parâmetros específicos selecionados ao usá-lo para escrever o artigo. Isto permite avaliar o impacto dos parâmetros do modelo no texto escrito (Conde et al., 2024, p. 107)¹¹

Haverá espaço para falarmos sobre as vantagens e desvantagens do uso dessas ferramentas em trabalhos textuais acadêmicos, assim como, também, precisaremos olhar com atenção para as implicações éticas que envolvem a implementação de tais recursos. No entanto, muito se tem falado e pouco se tem feito para oferecer suporte tecnológico aos alunos para o uso consciente das IAs na universidade, bem como pouco se discute a melhor forma de fazer dessas tecnologias nossas aliadas na graduação. É preciso lembrar que sempre estaremos

¹¹ No original: “The metadata include information on the AI model itself but also on the specific parameters’ values selected when using it to write the paper. This enables the evaluation of the impact of the model parameters on the written text.” (Conde et al., 2024, p. 107).

um passo atrás do avanço tecnológico e adiar a implementação de medidas pode nos trazer consequências que já poderíamos estar evitando.

Considerações finais

O presente artigo buscou analisar os principais impactos da Inteligência Artificial, por meio de ferramentas e *chatbots* na escrita acadêmica, tecendo um paralelo entre os prós e contras de tais tecnologias na revisão de literatura.

O estudo fez apontamentos por meio da metodologia dialética de apresentação de ideias, onde pudemos analisar duas principais perspectivas do tema por meio de referências importantes na área, cada uma delas com argumentos consistentes e relevantes acerca dos benefícios gerados pelas IAs em demandas da universidade, bem como os principais desafios que estamos enfrentando com essa nova realidade.

Estamos cientes, porém, das limitações que levam a esse cenário que se detém ao diálogo e não é visto nas práticas. O tema é novo, existem dúvidas e ressalvas quanto a essas tecnologias, mas ainda não conseguimos acompanhar com conforto os passos acelerados da evolução dessas tecnologias. A questão ética também tem grande peso.

No entanto, é possível identificar, dentro do contexto atual de mudanças na educação impactada pela tecnologia, um cenário rico para pesquisas diversas que podem ir ao encontro dessas limitações, tais como estudos para a elaboração de diretrizes de uso das IAs nas universidades; departamentos direcionados para a análise de ferramentas existentes e suas funcionalidades; grupos de pesquisa para o desenvolvimento de novas ferramentas. As possibilidades são múltiplas e é um retrocesso não estarmos investindo nelas com mais esforço.

Não é bem uma novidade que o ambiente universitário é um espaço um tanto resistente a mudanças, qual seja, de uma postura um tanto contraditória quando olhamos para a importância da adaptabilidade para garantir as diversas descobertas que o ambiente científico e acadêmico proporciona.

O propósito da academia continua sendo o mesmo de formar cidadãos conscientes, críticos e preparados para o mercado de trabalho, independentemente da área de atuação escolhida. Por isso, o momento é de refletir para continuar desempenhando essa missão com excelência. A educação superior brasileira precisa, de fato, se modernizar e com criticidade.

Referências

37 REVOLUÇÕES – A década da transformação. *Revista Superinteressante*. 09 jan. 2011. Disponível em: <https://super.abril.com.br/ciencia/37-revolucoes-a-decada-da-transformacao/>. Acesso em: 5 jun. 2024.

ANSON, C. What are the cognitive consequences of machine-generated writing?. [Entrevista concedida a] Rachelle Garbarine. *Humanities and Social Sciences News*. NC State University, 2023. Disponível em: <https://chass.ncsu.edu/news/2023/03/27/how-is-ai-changing-how-we-write-and-create/>. Acesso em: 29 ago. 2025.

AQUINO, V.; ADANIYA, M. Desenvolvimento e aplicações de Chatbot. *Revista Terra & Cultura: Cadernos De Ensino E Pesquisa*, 34(esp.), 56-68, 2018. Recuperado de <http://periodicos.unifil.br/index.php/Revistatest/article/view/297/1285>. Acesso em: 3 jul. 2024.

BAHAMMAM, A. S.; TRABELSI, K; PANDI-PERUMAL, S. R.; HAITHAM, J. Adapting to the Impact of Artificial Intelligence in Scientific Writing: Balancing Benefits and Drawbacks while Developing Policies and Regulations. *Journal of Nature and Science of Medicine* 6(3):p 152-158, Jul-Sep 2023. DOI: 10.4103/jnsm.jnsm_89_23. Acesso em: 6 mai. 2024.

CASTRO, V. C.; KALANTZIS, M.; COPE, B. Letramento na Era da Inteligência Artificial. *Cadernos de Letras da UFF*, Brasil, v. 35, n. 69, 2024. DOI: 10.22409/cadlettrasuff.v35i69.63346. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/cadernosdeletras/article/view/63346>. Acesso em: 29 ago. 2025.

CITELLI, A. Espelhamentos: o GPT e a educação. *Comunicação & Educação*, v. 24, n. ja/ju 2024, p. 81-94, 2024. Tradução. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v29i1p81-94>. Acesso em: 29 ago. 2025.

CONDE, J.; REVIRIEGO, P.; SALVACHÚA, J.; MARTÍNEZ, G.; HERNÁNDEZ, J. A.; LOMBARDI, F.; Understanding the Impact of Artificial Intelligence in Academic Writing: Metadata to the Rescue. *The IEEE Computer Society* v. 57, n. 1, p. 105–109, jan. 2024. DOI: 10.1109/JAS.2023.123618. Acesso em: 11 abr. 2024.

ENGELMANN, W. Inteligência Artificial Responsável: Significados e Desafios. *FAPERGS*, p. 18, 2023. DOI: 10.29327/5312711.1-1. Acesso em 31 abr. 2025.

FAHIMIRAD, M.; KOTAMJANI, S. S.; A Review on Application of Artificial Intelligence in Teaching and Learning in Educational Contexts. *International Journal of Learning and Development*, v. 8, 15 dez. 2018. DOI: <https://doi.org/10.5296/ijld.v8i4.14057>. Acesso em: 2 jun. 2024.

FORRESTER, C.; BOOTHE, K.; *Generative AI in Academic Writing, Ethical Recommendations*, 2023. DOI: 10.13140/RG.2.2.14085.52966. Acesso em: 27 mar. 2024. (pré-publicado).

HOSSEINI, M.; RESNIK, D. B.; HOLMES, K. The ethics of disclosing the use of artificial intelligence tools in writing scholarly manuscripts. *Research Ethics*, 19(4), 449-465, 2023. <https://doi.org/10.1177/17470161231180449> . Acesso em: 16 maio. 2024.

INICIATIVAS DE IA EM UNIVERSIDADES BRASILEIRAS. *Simple by Nama*. 18 nov. 2020. Disponível em: <https://simple.nama.ai/post/iniciativas-de-ia-em-universidades-brasileiras> . Acesso em: 2 jun. 2024.

KAHARUDDIN, K. Assessing the effect of using artificial intelligence on the writing skill of Indonesian learners of English. *Linguistics and Culture Review*, v. 5, n. 1, p. 288–304, 22 out. 2021. DOI: <https://lingcure.org/index.php/journal/article/view/1555> . Acesso em: 11 abr. 2024.

LOPES, C.; FORGAS, R. C.; CERDÀ-NAVARRO, A. A Magia De Escrever Textos Acadêmicos Está Ameaçada Pela Inteligência Artificial? *Pesquisa Em Foco*, v. 28, n. 2, 6 dez. 2023. Disponível em: https://ppg.revistas.uema.br/index.php/PESQUISA_EM_FOCO . Acesso em: 16 mai. 2024.

MARZUKI; WIDIATI, U.; RUSDIN, D.; DARWIN; INDRAWATI, I. The impact of AI writing tools on the content and organization of students' writing: EFL teachers' perspective. *Cogent Education*, 10(2), 2023. DOI: <https://doi.org/10.1080/2331186X.2023.2236469> . Acesso em: 15 jul. 2024.

MONTE MÓR, W. The Development of Agency in a New Literacies Proposal for Teacher Education in Brazil. In: JUNQUEIRA, E. S.; BUZATO, M. E. K. (orgs). *New Literacies, New Agencies? A Brazilian Perspective on Mindsets, Digital Practices and Tools for Social Action In and Out of School*. Nova York: Peter Lang Publishers, p 126-146, 2013.

PEDERSEN, I. The rise of generative AI and enculturating AI writing in postsecondary education. *Frontiers in Artificial Intelligence*, v. 6, 10 ago. 2023. DOI: 10.3389/frai.2023.1259407. Acesso em: 16 mai. 2024.

SAMPAIO, R. C ET. AL. ChatGPT e outras IAs transformarão a pesquisa científica: Reflexões sobre seus usos. *Revista de Sociologia e Política*, 32, e008, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/1678-98732432e008> . Acesso em: 28 ago. 2025.

REFLECTIONS ON THE USE OF ARTIFICIAL INTELLIGENCE IN ACADEMIC WRITING

ABSTRACT: With the advancement in the use of artificial intelligence tools in academia, it is increasingly necessary to discuss the ethics of using such technologies, considering the changes they bring about. This article compiles the main impacts of generative artificial intelligence on academic writing, weighing the pros and cons of these technologies. The dialectical methodology was used to conduct this research: the work presents both perspectives through dialogue and comparison of arguments based on a literature review at the interface of the Digital Humanities and Applied Linguistics. The result is a synthesis that proposes a bridge between the benefits and challenges of using generative artificial intelligence in the university environment. Finally, this study points out possible ways to deal with this scenario in the coming years.

KEYWORDS: Artificial Intelligence, Academic Writing, Higher Education